

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

BEATRIZ JULIANE DE OLIVEIRA MAIOLI

CONHECIMENTO DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL EM PAIS DE CRIANÇAS  
ATÉ 8 ANOS

CURITIBA

2019

BEATRIZ JULIANE DE OLIVEIRA MAIOLI

CONHECIMENTO DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL EM PAIS DE CRIANÇAS  
ATÉ 8 ANOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial à obtenção do título de  
Licenciada, Curso de Ciências Biológicas,  
Universidade Federal do Paraná.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup> Gabriela Isabel Reyes Ormeno

CURITIBA

2019

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por ter me sustentado até aqui.

Aos meus pais, Rosi e Sydi, e à minha irmã, Thaise, por não terem me deixado desistir em nenhuma das vezes que eu quis deixar tudo de lado e por estarem sempre do meu lado me apoiando.

À minha orientadora, professora Gabriela Reyes por ter me aceitado de braços abertos, me permitindo fazer parte da sua equipe.

À Yohana Alécio pelo acolhimento, ajuda e apoio.

Ao professor Leandro Kruszielski por toda ajuda com as análises.

Ao Sérgio Zanvettor e Elisângela Zanvettor pelo apoio e paciência de sempre.

Às minhas colegas de turma Caroline Miashiro, Joice Laskoski, Paulianne Pacheco e Giovanna Peletti por todas as risadas, apoio e amizade em todos esses anos.

A todos os pais que dispuseram um pouco do seu tempo para participar da pesquisa.

A todos aqueles que acreditaram em mim, me apoiaram e incentivaram de alguma forma.

*“E nenhuma pessoa grande jamais entenderá que isso possa ter tanta importância!”*

*Antoine de Saint-Exupéry*

*O Pequeno Príncipe*

## RESUMO

Desenvolvimento Humano inclui as mudanças ocorridas física, cognitiva e psicossocialmente em um indivíduo, de forma gradual e ordenada. Desenvolvimento Infantil inclui essas mudanças enquanto criança. Acontecimentos na infância podem afetar o desenvolvimento da criança e refletir na sua vida adulta, sendo assim a família tem papel fundamental para um desenvolvimento saudável, uma vez que são os primeiros contatos da criança com o mundo, o que torna importante aos pais entender as fases do desenvolvimento infantil. O presente estudo teve como objetivo conhecer o quanto os pais de crianças até 8 anos sabem sobre o desenvolvimento infantil e quais são os principais conhecimentos e desconhecimentos sobre o tema. Foi aplicado um questionário baseado no Programa ACT (Adults and Children Together) – Para Educar Crianças em Ambientes Seguros, a partir do qual foram levantados quais os principais conhecimentos e desconhecimentos dos pais, e foi encontrado que a maior parte dos pais assentem que o desenvolvimento da criança é influenciado por fatores ambientais e biológicos, em contrapartida, como desconhecimentos tivemos que há uma oscilação entre o esperado no desenvolvimento na fase dos 6 anos. Após isso, foi feito um cruzamento entre número de acertos e algumas variáveis sociodemográficas, como renda, idade e escolaridade dos pais, para verificar sua relação com o nível de conhecimento, no entanto não foram encontradas nenhuma relação significativa.

Palavras-chave: Desenvolvimento Infantil. ACT. Conhecimento dos pais.

## **ABSTRACT**

Human development includes the changes that occur physically, cognitively and psychosocially in an individual, gradually and orderly. Child Development includes these changes as a child. Events in childhood can affect children's development and reflect on their adult life, so the family plays a key role in healthy development, as they are the child's first contacts with the world, making it important for parents to understand the stages of child development. This study aimed to know how much parents of children up to 8 years old know about child development and what are the main knowledge and unknowns about the theme. A questionnaire based on the ACT Program - Raising Safe Kids was applied, from which the main knowledge and unknowns of parents was raised, and it was found that most parents agree that the child's development is influenced by biological and environmental factors. On the other hand, as we are unaware, there is an oscillation between the expected development in the 6-year phase. After that, a cross between the number of correct answers and some sociodemographic variables, such as income, age and parental education, was made to verify their relationship with the level of knowledge, however, no significant relationship was found.

Keyword: Child Development. ACT. Parental Knowledge.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	8
1.1	OBJETIVOS	9
1.1.1	Objetivo Geral	9
1.1.2	Objetivos Específicos	9
1.2	JUSTIFICATIVA	9
<b>2</b>	<b>REVISÃO TEÓRICA</b>	11
2.1	DESENVOLVIMENTO HUMANO	11
2.1.1	Desenvolvimento Físico	12
2.1.2	Desenvolvimento Cognitivo	14
2.1.3	Desenvolvimento Psicossocial	15
2.2	INFLUÊNCIAS AO DESENVOLVIMENTO INFANTIL	16
2.3	PROGRAMA ACT	19
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b>	22
3.1	PARTICIPANTES	22
3.2	PROCEDIMENTOS	22
3.3	ANÁLISE DOS DADOS	23
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	24
4.1	DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS	24
4.2	CONHECIMENTO E DESCONHECIMENTO DOS PAIS SOBRE DESENVOLVIMENTO INFANTIL	25
4.3	VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS E SUA RELAÇÃO COM O CONHECIMENTO DOS PAIS SOBRE DESENVOLVIMENTO INFANTIL	30
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	37
	<b>REFERÊNCIAS</b>	39
	<b>APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO</b>	41

## 1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento humano pode ser entendido como mudanças graduais e ordenadas que acontecem entre a concepção e a morte de um indivíduo (WOOLFOLK, 2000). Considerando os seres humanos, temos três “tipos” de desenvolvimento: desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial. O desenvolvimento físico se refere às mudanças que ocorrem no corpo físico; o desenvolvimento cognitivo às mudanças no pensamento; e o psicossocial, às mudanças nas emoções e personalidade (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

O desenvolvimento infantil considera essas mudanças enquanto criança. O desenvolvimento pode ser influenciado pelo ambiente, pela família e pelas experiências da criança, e podem perdurar até a vida adulta. Deste modo, podemos pensar que acontecimentos, principalmente nos primeiros anos de vida, podem interferir tanto na saúde quanto na aprendizagem da criança, sendo capaz de refletir na sua vida adulta (ARAUJO, 2013).

A família é um dos principais ambientes de desenvolvimento humano (DESSEN; POLONIA, 2007), desse modo, a estrutura e o ambiente familiar são fatores que interferem no desenvolvimento infantil, tanto positiva quanto negativamente. Alguns estudos, como os de Araujo (2013) e Schmidt et al. (2018), mostram que o nível socioeconômico da família pode ser um fator de influência.

O desconhecimento dos pais sobre as etapas do desenvolvimento infantil pode afetar o desenvolvimento da criança, uma vez que altera o modo ao qual ela é tratada principalmente em relação ao seu comportamento, sendo que muitas vezes, por não conhecerem as fases do desenvolvimento, muitos pais pensam que a criança está desafiando sua autoridade e acabam partindo para violência, tanto física quanto psicológica dos filhos, visto que, no Brasil, crianças e adolescentes são as principais vítimas de violência (segundo dados do Ministério dos Direitos Humanos, 2018) e a maior parte dessa violência ocorre dentro de casa.

O Programa ACT (Adults and Children Together) - Para Educar Crianças em Ambientes Seguros foi desenvolvido como uma capacitação para pais acerca da violência infantil, como uma forma de reduzir o número de casos, atuando como um programa de prevenção a violência contra a criança. Ele traz instruções sobre o



desenvolvimento infantil e sobre como lidar com comportamentos difíceis das crianças, sendo um meio significativo para aprendizagem dos pais sobre as fases do desenvolvimento e comportamento da criança.

É importante entender o que os pais conhecem sobre o desenvolvimento infantil e quais são os principais desconhecimentos e conhecimentos dos pais sobre o desenvolvimento infantil, bem como notar se esse conhecimento tem alguma relação com variáveis sociais.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo Geral

- Analisar o conhecimento sobre desenvolvimento infantil em pais de crianças até 8 anos.

### 1.1.2 Objetivos Específicos

- Analisar o nível de conhecimento sobre desenvolvimento infantil dos pais;
- Indicar os principais conhecimentos e desconhecimentos dos participantes;
- Apontar variáveis estão ligadas aos erros e acertos sobre o conhecimento do desenvolvimento infantil;

## 1.2 JUSTIFICATIVA

A violência contra a criança tem crescido assustadoramente no Brasil. Dados do Hospital Pequeno Príncipe, considerado um dos referenciais em medicina pediátrica, mostram que em 2018 deram entrada mais de quinhentas crianças e adolescentes vítimas de violência, abuso ou negligência, dos quais mais de 75% são de natureza doméstica, ou seja, acontecem dentro de casa.

Os pais podem partir para agressão dos filhos, por não entenderem o que é “normal” em cada fase da criança, não entendendo os comportamentos e pensamentos dos filhos. O uso da violência com a criança causa traumas e danos

que prejudicam o desenvolvimento infantil e, conseqüentemente, o rendimento da criança na escola, o que nós, enquanto professores, devemos estar atentos.

Deste modo, torna-se importante perceber o que os pais entendem sobre as fases do desenvolvimento infantil, com o intuito de reduzir casos de agressão, tanto física quanto psicológica, dentro de casa, e, assim, colaborar com um melhor rendimento escolar da criança.

## 2 REVISÃO TEÓRICA

### 2.1 DESENVOLVIMENTO HUMANO

Desde a geração da vida, o ser humano passa por mudanças no corpo, mente e comportamento, mudanças as quais podem ocorrer em apenas um determinado momento ou serem contínuas, isso é o que podemos chamar de Desenvolvimento Humano (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

O desenvolvimento é vitalício, ou seja, acontece ao longo de toda a vida, o que nos possibilita inferir que cada momento e situação influencia no futuro, e isso inclui o contexto histórico e as condições de vida. Neste aspecto, temos a questão de que nesse processo ocorre um equilíbrio entre coisas que aprendemos o “deixamos” de aprender, pensando em uma criança, a habilidade de aprender coisas novas, como um novo idioma, o que fica um pouco mais complicado em um indivíduo adulto. Por fim, temos que, além de vitalício, o desenvolvimento é flexível, ou seja, pode ser “melhorado” em alguns aspectos, como a memória, por exemplo (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

Papalia, Olds e Feldman (2006) dividem o desenvolvimento humano em oito períodos considerando a idade, de forma aproximada, pois mudanças no desenvolvimento são individuais e podem variar de pessoa para pessoa, são eles: pré-natal (desde a concepção ao nascimento); primeira infância (do nascimento até os 3 anos); segunda infância (até os 6 anos); terceira infância (até os 11 anos); adolescência (até 20 anos); jovem adulto (até 40 anos); meia-idade (até 65 anos) e terceira idade (dos 65 anos em diante).

Um tanto semelhante, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) Artigo 2º, diz que “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos [...]”. Tendo isso, podemos considerar que o desenvolvimento infantil abrange até aproximadamente os 12 anos de idade.

Há uma divisão em três “tipos” do desenvolvimento humano, desenvolvimento físico, desenvolvimento cognitivo e desenvolvimento psicossocial (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006), que serão explanados mais adiante.

Existem diversas perspectivas diferentes quando o assunto é desenvolvimento humano, dentre as quais daremos destaque à perspectiva Cognitiva e à perspectiva Contextual. A perspectiva Cognitiva considera o pensamento e o comportamento, e tem grande destaque para Jean Piaget, que decompõe o desenvolvimento acontecendo em três princípios: o da organização, que se refere à criação de esquemas mentais que resultam no comportamento; o da adaptação, que se refere à receber e assimilar novas informações (assimilação) e entender essa nova informação para acomodá-las nos esquemas mentais (acomodação); e, por fim, o da equilibração, que é o equilíbrio entre a assimilação e a acomodação (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

A perspectiva Contextual considera que o desenvolvimento humano ocorre em conjunto com o ambiente, o contexto em que se encontra. Nessa perspectiva, destaca-se Lev Vygotsky, que, considerando o desenvolvimento infantil, diz que o aprendizado da criança e seu conseqüente desenvolvimento vem da sua vivência sociocultural e que os adultos são como mentores para elas (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

Juntando essas perspectivas temos que “O desenvolvimento da criança implica uma série de aprendizagens que serão essenciais para a sua formação, mais tarde, como adulto” (Ministério dos Direitos Humanos: Violência contra Crianças e Adolescentes: Análise de Cenários e Propostas de Políticas Públicas, 2018).

### 2.1.1 Desenvolvimento Físico

Desenvolvimento físico está, em grande parte, associado a aspectos fisiológicos e ao crescimento do corpo, ou seja, alterações que podem ser medidas e/ou determinadas (MONTEIRO et al, 2016), como altura e peso.

De acordo com o Papalia e Feldman (2013), o desenvolvimento físico segue dois princípios. O primeiro princípio é o cefalocaudal, que aponta um crescimento de cima para baixo, ou seja, o cérebro se desenvolve de forma mais rápida em relação às outras partes do corpo, desde o período embrionário, o que explica o porque de a cabeça de um recém-nascido parecer desproporcional em relação ao corpo. O outro princípio é o próximo-distal, que aponta um desenvolvimento de dentro para fora,

fazendo com que as extremidades do corpo, como mãos e pés, tenham um progresso mais lento que o tronco e, conseqüentemente, a cabeça.

O cérebro é dividido em dois hemisférios, o direito, responsável por funções espaciais e visuais, e o esquerdo, responsável pela linguagem e raciocínio lógico; cada hemisfério é dividido em quatro lobos, e cada lobo se desenvolve em tempos diferentes, ou seja, cada parte do cérebro cresce em um momento do desenvolvimento, os quais chamamos de surtos de crescimento do cérebro, o que corrobora com o princípio cefalocaudal (PAPALIA E FELDMAN, 2013).

O crescimento ocorre de forma mais rápida nos três primeiros anos da criança, tanto em peso quanto em altura. Assim sendo, temos que, aos três anos, o cérebro possui quase 70% do seu peso quando adulto (PAPALIA; OLDS E FELDMAN, 2006 e PAPALIA E FELDMAN, 2013).

Podemos medir o desenvolvimento do cérebro da criança por meio dos seus comportamentos reflexivos. Ao nascer, a criança apresenta uma série de reflexos importantes para sua sobrevivência, como o de sucção do seio da mãe. Com o tempo, alguns desses reflexos desaparecem e outros permanecem, o que indica um desenvolvimento cerebral dentro do esperado (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

Saber o quanto antes se a criança apresenta algum problema no desenvolvimento físico é crucial para evitar futuros danos, tornando os primeiros momentos de vida extremamente importantes. Para isso, um dos métodos utilizados é a Escala Apgar, que avalia os recém-nascidos logo após o momento do parto. Criada pela Dra. Virginia Apgar em 1953, essa escala analisa os sinais vitais da criança: aparência, frequência cardíaca, expressão facial (reflexo), atividade e respiração. Para cada tópico analisado é atribuída uma nota de 0 a 2, sendo 10 o somatório máximo que o bebê pode receber, indicando um estado saudável. Somatórios abaixo de 7 indicam problemas respiratórios e abaixo de 4 indicam problemas mais graves, que podem afetar o futuro desenvolvimento da criança (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

As habilidades motoras também são importantes para observarmos o desenvolvimento infantil esperado. Um exemplo é o movimento de apanhar objetos, que em recém nascidos é apenas reflexivo, ou seja, os bebês fecham as mãos quando algo é colocado nelas; a partir do terceiro mês é esperado que a criança já

consiga pegar e segurar alguns objetos não muito pequenos; já entre o sétimo e o décimo primeiro mês, o movimento de pinça começa a ser dominado, permitindo à criança pegar objetos menores (PAPALIA E FELDMAN, 2013).

Para medir o desenvolvimento motor esperado na criança, foi criado o Teste de Avaliação do Desenvolvimento de Denver (1975), que mede, a partir do primeiro mês de vida até os seis anos de idade, as habilidades motoras da criança, desde pegar objetos à pular e desenhar um círculo (PAPALIA E FELDMAN, 2013).

### 2.1.2 Desenvolvimento Cognitivo

Como mencionado, ao falarmos de desenvolvimento cognitivo, Jean Piaget é um dos grandes nomes. Ele afirma, em sua Teoria Cognitiva, que o ambiente e as interações sociais são grandes influenciadores desenvolvimento da criança (BEE, 1997). Piaget organiza o desenvolvimento cognitivo em quatro estágios (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006):

O primeiro estágio é o chamado de motor/sensorial, e se refere à fase inicial do desenvolvimento infantil, ou seja, acontece com a criança do nascimento até aproximadamente 2 anos, período conhecido como primeira infância. É dividido ainda em seis subestágios, sendo os primeiros cinco destacados pela percepção e conhecimento da criança sobre ela própria e sobre o ambiente, e o sexto subestágio, destacado pela capacidade de exercer representações e esquemas mentais (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

O estágio motor/sensorial é marcado por algumas habilidades e conceitos que a criança pode desenvolver. Uma delas, talvez a mais citada, é a permanência de objeto, que é quando a criança consegue perceber que um certo objeto ou pessoa ainda existe mesmo que não esteja em seu campo de visão (WOOLFOLK, 2000 e PAPALIA, OLDS E FELDMAN, 2006).

Dentre as habilidades deste estágio está a categorização, que envolve a capacidade da criança de planejar esquemas mentais para alcançar objetos, o que podemos chamar de ações lógicas voltadas para um objeto. A utilização de símbolos e a imitação são outras habilidades do estágio motor/sensorial (WOOLFOLK, 2000 e PAPALIA, OLDS E FELDMAN, 2006).

O próximo estágio é o pré-operatório, que perdura até aproximadamente os 7 anos de idade. O estágio pré-operatório é anterior às crianças serem capazes de realizar o que Piaget chama de operações, que são ações pensadas e não propriamente executadas pelas crianças. Conjuntamente nesse estágio, a criança tem dificuldade em conservação da matéria, ou seja, não é perceptível a ela que, por exemplo, o número três, quando representado pelos dedos das mãos, pode ter duas formas mas continua sendo o número três (WOOLFOLK, 2000).

Seguindo pelos estágios de desenvolvimento, entramos agora no estágio operatório concreto, que adentra crianças dos 7 aos 11 anos, aproximadamente. Nesse estágio a criança já consegue perceber e entender objetos permanentes e ter uma melhor noção temporal, bem como organizar pensamentos (WOOLFOLK, 2000).

Por fim, o último estágio do desenvolvimento cognitivo da divisão feita por Piaget é o estágio operatório formal, que inclui as crianças a partir dos 11 anos de idade. Esse estágio é marcado pela concepção do raciocínio hipotético-dedutivo, em que a criança consegue resolver problemas utilizando situações que não aconteceram, em outras palavras, às crianças são capazes de criar uma hipótese e deduzir uma resposta ao “problema” em questão (WOOLFOLK, 2000).

### 2.1.3 Desenvolvimento Psicossocial

O terceiro tipo de desenvolvimento, é o que chamamos de desenvolvimento psicossocial, que consiste na junção da personalidade com as relações sociais. A personalidade de modo geral, é formada pelas emoções, comportamentos e temperamento, e as relações sociais, formadas a partir da interação com o outro, pensando na criança, sua interação com os adultos da família, principalmente pai, mãe e irmãos (PAPALIA E FELDMAN, 2013).

O desenvolvimento psicossocial se inicia logo a partir do nascimento, porém de um modo mais sucinto. Aproximadamente, antes dos 9 meses a criança já é capaz de demonstrar algumas emoções, como felicidade, dor e raiva, por meio de movimentos corporais e choros (PAPALIA E FELDMAN, 2013).

Nesse âmbito do desenvolvimento, devemos considerar que, para Vygotsky, o desenvolvimento físico não é único para a formação do indivíduo, Rego claramente explica essa teoria:

[...] a estrutura fisiológica humana, aquilo que é inato, não é suficiente para produzir o indivíduo humano, na ausência do ambiente social. As características individuais [...] depende da interação do ser humano com meio físico e social. (REGO, 2008, p.57-58).

Desse modo, o desenvolvimento humano não é completo sem o contexto sociocultural ao qual um indivíduo está inserido (REGO, 2008). Ainda nas concepções de Vygotsky, temos o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que para ser entendido necessita de outros dois conceitos: desenvolvimento real e desenvolvimento potencial. O desenvolvimento real refere-se às ações que a criança faz por conta, baseada em suas próprias escolhas e aprendizados, é aquilo que ela já domina; já o desenvolvimento potencial, refere-se às ações da criança com a ajuda, em grupo, àquilo que ela precisa de ajuda para fazer. Tendo isso, Rego chega ao seguinte conceito:

A distância entre aquilo que ela é capaz de fazer de forma autônoma (nível de desenvolvimento real) e aquilo que ela realiza em colaboração com os outros elementos de seu grupo social (nível de desenvolvimento potencial) caracteriza aquilo que Vygotsky chamou de “zona de desenvolvimento potencial ou proximal”. (REGO, 2008, p. 73).

Entender esse conceito é fundamental para pensar na questão do aprendizado da criança, uma vez que a criança aprende o que consegue fazer na zona de desenvolvimento proximal, ação que posteriormente estará no nível real, ou seja, “a zona de desenvolvimento proximal hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã [...]” (REGO, 2008, p.74).

## 2.2 INFLUÊNCIAS AO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

O desenvolvimento como um todo pode sofrer variações de acordo com alguns fatores que influenciam o desenvolvimento humano, como fatores biológicos, que incluem a hereditariedade (ou genética), que são fatores herdados, isto é, vêm



dos pais biológicos, e o ambiente, que são as influências externas que interferem de algum modo na vida indivíduo, e podem ter início durante a gestação (PAPALIA E FELDMAN, 2013).

Alguns professores acreditam que condições de inteligência e aprendizado dos alunos têm uma grande influência genética (ANTONELLI-PONTI, VERSUTI E DA SILVA, 2018). Porém, não podemos medir se fatores ambientais têm maior ou menor influência que fatores biológicos. Se pensarmos em uma criança bastante estimulada, sua aprendizagem e inteligência poderá se igualar, ou até mesmo ser melhor, que a de uma criança com genes que proporcionam uma inteligência nata. Em outras palavras, um ambiente estimulador pode levar à uma vantagem no desenvolvimento cognitivo da criança (PAPALIA E FELDMAN, 2013 e VALIATI, 2014).

Considerando isso, a família estabelece uma das principais condições para o desenvolvimento da criança, uma vez que atua tanto na hereditariedade quanto nas influências do ambiente. A composição da família, isto é, número de pessoas na mesma casa, geralmente irmãos, mas podendo incluir avós, tios e outros, pode ser um fator influente no desenvolvimento das crianças, principalmente da educação infantil (PAPALIA E FELDMAN, 2013 e SCHMIDT et al, 2018).

Além disso, na percepção de alguns educadores uma boa interação da família com a criança em casa e também com sua vida escolar, desde a educação infantil, pode ser um fator favorável ao desenvolvimento da criança. Da mesma forma, uma situação contrária, um ambiente familiar desestruturado e uma má relação da família com a escola pode influenciar negativamente o desenvolvimento infantil (SANTOS, RAMOS e SALOMÃO, 2015).

A renda familiar, ou melhor, o nível socioeconômico da família é outro fator de grande influência no desenvolvimento, assim como a cultura, familiar e/ou local, pois envolvem as condições às quais a criança irá crescer. A relação da criança com os membros da família, e vice-versa pode ser um fator importante para se entender a conduta das crianças, incluindo seu comportamento em casa e na escola (PAPALIA E FELDMAN, 2013 e SCHMIDT, 2018).

Ainda pensando na estrutura familiar e socioeconômica, Araujo (2013) demonstrou em seu estudo que, além da renda familiar mensal, a ausência do pai

também pode estar relacionada à atrasos no desenvolvimento neuropsicomotor em crianças de até 3 anos.

Schmidt et al. (2018) traz um estudo a respeito da percepção dos pais sobre o temperamento dos filhos e compara com a estrutura da família, chegando ao resultado que o afeto negativo da criança (capacidade de se acalmar baixa, reações de medo e raiva) é maior em crianças que crescem em famílias com menor renda. Confirmando essa relação com a estrutura socioeconômica.

Como já mencionado, o desenvolvimento de uma criança pode sofrer interferência desde seu período de gestação. Acontecimentos como complicações no parto e nascimentos prematuros também podem interferir no desenvolvimento infantil, principalmente mental. Há uma maior incidência de crianças em alerta quanto ao domínio cognitivo em nascimentos de parto normal. Porém, pode haver uma compensação quando a criança cresce em um ambiente estável, favorável e estimulante, demonstrando novamente a importância da família na vida da criança (PAPALIA E FELDMAN, 2013 e VALIATI, 2014).

A literatura na infância pode influenciar tanto no desenvolvimento cognitivo e psicológico quanto no desenvolvimento linguístico da criança. Isso ocorre de diversas formas, pois a literatura auxilia na percepção de mundo, lógica e esquemas mentais (MENDES E VELOSA, 2016). Considerando que, entre os domínios do desenvolvimento, a linguagem é um dos que mais sofrem atrasos, a leitura é uma prática bastante estimuladora do desenvolvimento infantil, e pode ser desenvolvida tanto na escola quanto em casa, ressaltando a importância do apoio, incentivo e compreensão da família com a criança (ARAUJO, 2013 e RODRIGUES, SILVEIRA E PELISSON, 2017).

Porém, ler e escrever não é algo natural do desenvolvimento oral e necessita de um aprendizado mais sistemático ou alfabetização, assunto que é bastante discutido dentro da questão da literatura. Não somente ao ler, mas também ao ouvir a leitura, a criança já está sendo estimulada (SARGIANI E MALUF, 2018 e RODRIGUES, SILVEIRA E PELISSON, 2017).

A exposição da criança da educação infantil ao que pode ser chamado de experiências adversas, como abuso, agressão (física e/ou psicológica) e separação dos pais, afeta o seu desenvolvimento, refletindo em seu desempenho escolar, tido

que os primeiros anos de vida da criança são referenciais importantes para seu futuro desenvolvimento (VEGA-ARCE E NUÑEZ-ULLOA, 2017).

Além da família, a escola é um ambiente que colabora em muito com a formação individual da criança, sendo esses dois, escola e família, os ambientes mais importantes para o desenvolvimento humano (DESSEN e POLONIA, 2007).

Para um aprendizado significativo a criança precisa se sentir segura no ambiente que está, isso inclui suas interações com o outro, seu senso crítico, opiniões e autoestima. Deve ser considerado ainda as emoções da criança, fato que carece de atenção não só do educador, mas também dos pais (MENDES e VELOSA, 2016).

### 2.3 PROGRAMA ACT

O “Programa ACT (Adults and Children Together) Para Educar Crianças em Ambientes Seguros” tem como objetivo a prevenção antecipada da violência contra a criança. Foi criado em parceria com a Associação de Psicologia Americana (APA) e foi desenvolvido para capacitar pais e cuidadores a criarem ambientes mais seguros para as crianças, bem como ensiná-los sobre as fases do desenvolvimento infantil e como lidar com situações difíceis da criança sem uso da violência. O ACT é característico para crianças até 8 anos de idade.

O ACT conta com um material de apoio e capacitação ao aplicador, chamado pelo programa de facilitador. O material é dividido em três: Guia do Facilitador, Caderno de Pais e Manual de Entrevista Motivacional. O Guia do Facilitador deve ser manuseado apenas pelo aplicador do programa e não pelos participantes, pois é um manual para aplicação do programa, e apresenta um “roteiro” de cada sessão, bem como as tarefas de casa dos participantes e os slides que podem ser utilizados durante as sessões. O Caderno de Pais é para os participantes, e possui informações sobre o programa, dicas e métodos para aplicar com os filhos e informações sobre desenvolvimento e comportamento da criança. Por fim, o Manual de Entrevista Motivacional é também direcionado ao aplicador, e possui abundantes informações sobre o projeto e sobre como aplicá-lo e como agir em relação aos participantes.

Seguindo o Manual do Facilitador, o programa é composto por oito sessões somadas à reunião inicial, totalizando em nove encontros, que são realizados semanalmente, resultando em aproximadamente dois meses de duração. A reunião inicial do programa é realizada antes da primeira sessão, e é chamada de reunião preliminar, cujo objetivo é apresentar o programa para os participantes, desde o conteúdo ao funcionamento e termos. Cada uma das sessões apresentam um tema e um objetivo, como visto a seguir:

- Sessão 1 *Compreenda o Comportamento de seus Filhos*: tem como objetivo ensinar aos participantes quais as fases do desenvolvimento infantil e qual comportamento é esperado das crianças em cada uma, bem como qual é o melhor modo de responder a eles.
- Sessão 2 *A Violência na Vida das Crianças*: busca mostrar como as crianças podem estar envolvidas com violência e como isso afeta seu desenvolvimento, uma vez que os anos iniciais da criança são importantíssimos e marcam significativamente suas vidas.
- Sessão 3 *Como os Pais podem Entender e Controlar a Raiva*: essa sessão quer mostrar aos pais que é normal sentir raiva, porém, ela deve ser controlada para que a violência não seja uma opção para lidar com esse sentimento.
- Sessão 4 *Como Entender e Ajudar às Crianças Quando elas tem Raiva*: tem objetivo de mostrar aos participantes que as crianças também sentem raiva e que são eles (pais e/ou cuidadores) que devem ensiná-las a controlar esse sentimento sem usar a violência.
- Sessão 5 *Às Crianças e os meios Eletrônicos de Comunicação*: quer ajudar os participantes a entender como as mídias eletrônicas influenciam o comportamento das crianças.
- Sessão 6 *Disciplina e Estilos Parentais*: mostrar aos pais que o modo como criam e educam seus filhos vai influenciar toda a vida deles.
- Sessão 7 *Disciplinas para Comportamentos Positivos*: ensinar maneiras de prevenir comportamentos difíceis das crianças com métodos positivos para cada idade.

- Sessão 8 *Leve o Programa ACT para sua Comunidade*: a última sessão do programa traz uma revisão do que foi visto e busca incentivar os participantes a aplicar o que aprenderam e a divulgar os conhecimentos.

Como mostrado, o ACT possui uma sessão exclusiva para entender o comportamento das crianças baseado nas fases de desenvolvimento e tem se mostrado satisfatório na instrução sobre o desenvolvimento infantil. Ramos (2017) em seu trabalho, analisou o que os pais que participaram da aplicação do programa sentiram em aspectos gerais, e muitos participante levantaram que houve um maior conhecimento sobre o desenvolvimento da criança, conforme mostrado no relato abaixo:

“Perceber as características de cada fase do desenvolvimento, perceber que, por exemplo, na fase do X é normal as birras, é normal ser egocêntrico, é normal determinadas características. Também é preciso perceber esse lado da criança, naturalmente delas, para perceber que não foge a um padrão, não é diferente, aquilo é o normal. (M16)”. (RAMOS, 2017, p. 37).

O mesmo estudo (RAMOS, 2017) revelou então que a aplicação do programa vem tendo um resultado satisfatório em relação à mudança de pensamento e comportamento dos pais com seus filhos. Após a participação no programa muitos pais relataram que têm repensado suas ações em relação às crianças, uma vez que entenderam que são as pessoas às quais os filhos se espelham, e também têm buscado práticas educativas não violentas para terem os mesmos.

### **3 METODOLOGIA**

#### **3.1 PARTICIPANTES**

Os participantes da pesquisa foram amostrados por conveniência, e selecionados aleatoriamente por meio da divulgação do questionário. O único critério de participação era ter ao menos um filho com até 8 anos de idade no momento da coleta de dados. Todos tiveram participação voluntária e concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

#### **3.2 PROCEDIMENTOS**

O estudo faz parte do projeto de Pesquisa “Análise da Viabilidade do Programa ACT Raising Safe Kids em Professores com e sem Filhos”, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE 17078619.6.0000.0102), e se baseia em entender o que os pais de crianças até 8 anos compreendem sobre desenvolvimento infantil. Para isso, foram coletados dados por meio de um questionário.

O questionário foi aplicado durante o mês de outubro de duas formas: impresso e online. O questionário impresso foi entregue junto com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e recolhido após alguns dias, preenchido e respondido. O questionário online foi criado por meio do Formulários Google, que permite o acesso em diferentes meios, como computadores e celulares. Neste caso, o TCLE foi anexado na primeira parte do formulário.

O início do questionário era composto de questões para levantamento das variáveis sociodemográficas, como escolaridade, idade, estado civil, renda, número e idade dos filhos, autodenominação de cor e crença e religião. Após o levantamento dos dados pessoais/sociais, o questionário foi composto por 19 questões afirmativas, às quais os participantes deveriam julgar como sendo verdadeiras ou falsas, de acordo com seu conhecimento. As afirmativas foram baseadas nos Informativos sobre Desenvolvimento Infantil presentes no Caderno de Pais do Programa ACT, revisão de 2012.

### 3.3 ANÁLISE DOS DADOS

Os resultados foram analisados estatisticamente pelo Software IBM SPSS Statistics (versão 20.0). A normalidade da distribuição foi avaliada pelo teste de Kolmogorov-Smirnov e a comparação entre grupos foi feita utilizando o Teste-T de student (na comparação entre dois grupos) e ANOVA (na comparação entre três grupos). Para analisarmos a correlação entre variáveis qualitativas, foi utilizado o Teste de Correlação de Pearson. A significância adotada foi de 5%.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Foi obtido um total de 81 respostas válidas, ou seja, 81 pais com ao menos um filho até 8 anos de idade responderam ao questionário, sendo 75 do sexo feminino (mães) e 6 do sexo masculino (pais). As idades dos participantes foram bastante variadas, entre 22 e 48 anos, porém a maior parte dos participantes tinham 39 anos, totalizando 11,1% da amostra, seguido por 35 anos, 9,9% da amostra. A média de idade foi 35 anos.

No estado civil, 81,5% dos participantes são casados, 13,6% solteiros e 4,9% divorciados. Na escolaridade, metade dos participantes tinham Ensino Superior completo a nível de graduação, totalizando 50,1%. Dos participantes com Pós-Graduação, foi obtido um total de 27,5%, com Mestrado 3,8%, e Doutorado 5,0%. Ensino Médio completo totalizou 11,3% dos participantes. Ensino Médio incompleto e Ensino Fundamental contabilizaram apenas um participante em cada, resultando em 1,3% para Médio incompleto e 1,3% para Fundamental. Qualificando a amostra como maioria de escolaridade de nível superior.

Quanto a autodenominação de cor, 82,7% se autodenomiram brancos, 12,3% pardos e 4,9% negros, nos dando uma predominância de participantes brancos. No quesito de crença, 84% dos participantes afirmaram que se identificam com alguma crença e 16% não se identificam, porém apenas 58,8% afirmam serem pertencentes de alguma instituição religiosa, sendo os outros 41,3% não pertencentes a nenhuma, o que nos permite perceber que não necessariamente ter uma crença significou ser pertencente à alguma instituição religiosa.

A renda dos participantes foi mensurada em salários mínimos, o valor mais recorrente foi 3 salários mínimos, sendo 14,7% da amostra. Porém, ao agruparmos os resultados, vimos que 38,3% possuíam uma renda de até 3 salários mínimos, 20,7% possuíam de 3 a 5 salários mínimos, 36,7% possuíam de 5 a 10 e 4,4% acima de 10 salários mínimos. Isso nos dá uma amostra com grande parte dos participantes possuindo renda maior que 5 salários mínimos, sendo considerados de classe média/alta.



O número de filhos por participante variou entre 1 e 3, sendo que pouco mais da metade, 51,2%, tinham apenas um filho, 41,3% tinham dois filhos e 7,5% tinham três filhos. A idade dos filhos variou bastante, de 1 mês a 16 anos, mas todos os participantes tinham ao menos um filho com até 8 anos, cumprindo o critério de seleção. A predominância da idade das crianças foi 2 e 8 anos, compondo 12,6% e 18,8% da amostra, respectivamente.

A partir desses dados podemos levantar como perfil, uma amostra com pais mais “velhos”, de idade média de 35 a 39 anos e com apenas um filho, escolaridade a nível de ensino superior e renda de 5 salários mínimos ou mais, podendo ser considerada uma amostra um tanto específica.

#### 4.2 CONHECIMENTOS E DESCONHECIMENTOS DOS PAIS SOBRE DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Após o levantamento sociodemográfico, passamos para a análise das questões. As questões foram separadas em três grupos de acordo com a frequência de acertos e erros pela análise estatística, o primeiro grupo foi formado com as questões que obtiveram maior número de acertos, o segundo com as que obtiveram maior número de erros e o terceiro com as que não tiveram muita diferença entre acertos e erros. Para essa divisão foi utilizado um critério de diferença maior que 5 na frequência de acertos e/ou erros, ou seja, no primeiro grupo estavam as questões com mais de 5 acertos em relação aos erros; no segundo, as com mais de 5 erros em relação aos acertos; e o terceiro, as questões com a diferença entre acertos e erros menor que 5.

O primeiro grupo, questões com mais acertos que erros, incluiu as questões 1, 2, 3, 4, 14, 17 e 18. A primeira questão foi a única que obteve 100% de acertos.

As duas primeiras questões (1 e 2) eram sobre as influências no desenvolvimento da criança, a primeira afirmava que “*o desenvolvimento de uma criança pode ser influenciado pelo ambiente em que ela vive, pela família e pelas experiências vividas*” e a segunda que “*a genética pode ser um fator expressivo no desenvolvimento infantil*”, portanto, ambas são verdadeiras. Isso nos permite perceber que todos os pais que participaram entendem que o ambiente, a família e

as experiências da criança influenciam em seu desenvolvimento, porém nem todos acreditam que a genética possa ser um fator expressivo nesse quesito.

Há diversos livros e estudos relacionando as influências ao desenvolvimento infantil, e muitos deles confirmam a influência desses fatores. A literatura traz diversos casos em que é perceptível como a estrutura da família influencia o desenvolvimento da criança, como é o caso de Araujo (2013) que analisou as influências no desenvolvimento neuropsicomotor de crianças até 3 anos e mostrou que a ausência do pai pode ser uma influência negativa a esse aspecto.

Quando falamos em genética nos referimos a fatores hereditários, ou seja, herdados dos pais biológicos. Diversos aspectos do desenvolvimento podem ser influenciados pela hereditariedade, desde características físicas á mentais. Podemos citar as anomalias cromossômicas como um forte influenciador, que envolvem síndromes que interferem no desenvolvimento, tanto da criança quanto do adulto.

Antonelli-Ponti, Versuti e da Silva (2018) trabalharam com a percepção de professores sobre a influência dos genes e do ambiente em relação à alguns fatores de seus alunos, e obteve como resultado que muitos professores atribuem distúrbios mentais, dificuldade no aprendizado e inteligência, o que podemos considerar como desenvolvimento cognitivo, à fatores genéticos.

Entretanto não é possível medir se o desenvolvimento, no geral, sofre mais influência de fatores internos, como biológicos (os quais incluem a genética) ou externos, como ambientais, mas sabe-se que ambos são importantes e interferem no desenvolvimento humano, bem como podemos pensar que a família está presente em ambos.

Podemos concluir, então, que os pais têm conhecimento sobre os fatores externos que podem interferir no comportamento dos seus filhos, porém, ainda há uma certa hesitação quanto aos fatores internos.

A questão 3 referia-se à noção de tempo em crianças de 2 e 3 anos, e mostrou que os pais entendem que não devem esperar isso delas, pois é normal que nessa idade as crianças ainda não consigam diferenciar o ontem, hoje e amanhã.

A questão 4 era sobre mimar as crianças ao pegá-las no colo, e mostrou que os pais entendem que pegar no colo não significa mimar seus filhos. Pelo contrário, pegá-los no colo em momentos de choro demonstra consolo, cuidado e segurança,

que é o que a criança precisa. Essa situação cria laços e forma uma boa base de relacionamento das crianças com os pais, principalmente durante o primeiro ano de vida (ACT – Caderno de Pais).

A questão 14 abordava a questão de, com 6 anos, a criança já entender que as pessoas podem ter opiniões diferentes da sua. O que mostra que, provavelmente pela própria experiência, os pais conseguem identificar alguns aspectos do desenvolvimento cognitivo da criança.

As questões 17 e 18 eram, respectivamente, sobre deixar de castigo crianças de 4 anos que brigam por um mesmo brinquedo e dar bronca e algumas palmadas quando seu filho o desobedeceu e deixou-o com raiva. A partir das respostas dos participantes, foi possível perceber que os pais compreendem que castigo não funciona em todos os casos e que o uso da violência não deve ser usada contra a criança.

Segundo publicação sobre violência contra a criança e o adolescente (2018) do Ministério dos Direitos Humanos, a violência física muitas vezes é praticada pelos pais e/ou cuidadores como maneira de “educar” a criança. No entanto, todo tipo de violência pode trazer danos irreversíveis à criança, tanto em sua saúde quanto em seu psicológico (ACT – Caderno de Pais).

No segundo grupo, questões com mais erros que acertos incluímos as questões 8, 11, 15 e 16. É pertinente mencionar que o número de erros não foi excepcionalmente maior que de acertos, mas foi válido separá-las.

A questão 8 foi sobre a concentração de crianças de 2-3 anos de idade em brincar com um mesmo brinquedo ou amigo por um período considerável de tempo. Crianças nessa idade tem um grande sentimento de egocentrismo e dificuldade em dividir e compartilhar, podem até brincar perto de outras crianças, mas não brincam efetivamente junto (ACT – Caderno de Pais), isso pode ter sido um fator que levou ao número considerável de erros pelos participantes.

A questão 11 diz que *“a partir de 6 anos, as crianças já conseguem entender regras, e passam a preferir jogo e competições nas brincadeiras”*. É comum que as crianças nessa idade troquem as brincadeiras do faz de conta por brincadeiras com regras, como jogos, em que há um vencedor. Nessa fase também, mudam o relacionamento com os pais, e passam a se importar com a aceitação social dos

amigos (ACT – Caderno de Pais). Muitos participantes tinham apenas um filho e, em grande parte, menor que 6 anos, e isso pode ter sido um fator que levou ao maior número de erros nessa questão, uma vez que muitos pais aprendem sobre o desenvolvimento infantil apenas observando o comportamento do seu filho.

Cardoso et. al (2003) mostrou que em alguns aspectos pais com mais de um filho podem ter mais noção de alguns comportamentos, pois teriam mais oportunidade de observar o comportamento, contudo essa relação encontrada no estudo foi pouco significativa, mas não podemos descartar esse fator.

A próxima questão é a 15, a qual se referia à melhor maneira de acalmar o bebê que chora com frequência, dizendo que o melhor é entender o motivo do choro para saber o melhor modo de acalmá-lo. Nesse caso, podemos pensar que muitos pais pensam que simplesmente acalmar o bebê é suficiente, sem precisar conhecer o motivo do choro.

A última questão do grupo com maior número de erros é a 16, que se referiu a birras em locais públicos e mostrou que muitos participantes não concordam que ignorar a criança é o melhor para ela se acalmar. Nesse caso é comum que pais fiquem com raiva, e esse é um fator que geralmente precede a violência física, trazendo a questão da importância de lidar com esse sentimento antes de tomar alguma atitude em relação à criança.

Partimos então para o terceiro grupo de questões, as que não tiveram grande diferença entre erros e acertos, ou seja, levantou uma certa oscilação entre os participantes, o qual ficaram as demais questões, 5, 6, 7, 9, 10, 12, 13 e 19.

A questão 5 é, novamente, referente ao choro da criança pequena, e diz que brigar com a criança enquanto chora resolve a situação de forma vantajosa, o que nos faz perceber que parte dos pais participantes entendem que brigar com a criança não resolve seu choro, e que ela deve ser acalmada sem ser repreendida, porém, alguns ainda pensam que essa é uma solução viável. Como mencionado, a criança precisa se sentir segura nesses momentos, brigar com ela pode causar traumas permanentes.

As questões 6 e 12 referem-se a comportamentos esperados para crianças de 5 anos, e dizem que nessa idade as crianças já se relacionam melhor com outras crianças a ponto de brincarem afetivamente juntas e que são capazes de diferenciar

coisa que veem do que são (como animais de pelúcia não sendo animais reais, vivos), respectivamente.

Podemos comparar a questão 6 com a 8, e notar que muitos pais entendem que entre 2 e 3 anos as crianças não brincam por muito tempo com outras crianças, mas há um dilema em quando elas começam a fazer isso, ou seja, quando começam a brincar com o mesmo colega por mais tempo. Essa atitude da criança varia muito pela personalidade, mas o esperado, de acordo com o ACT, é perto dos 5 anos.

Já a questão 12 levanta o questionamento de quando as crianças começam a diferenciar coisas inanimados das reais, isso pode se dever ao fato de que nessa idade há uma grande capacidade de imaginação na criança, contudo, também é quando ela já consegue diferenciar o real do faz de conta (ACT – Caderno de Pais).

A questão 7 se refere a birras em locais públicos, podendo ser comparada com a 16. Entretanto, essa questão (7) diz que nesses casos, brigar com a criança faz ela entender e parar com esse comportamento. Pode variar bastante, mas a idade comum desse comportamento é entre 2 e 3 anos, e nesse caso, brigar com a criança não resolve, pois nessa idade é quando elas começam a se sentirem independentes, não sabem lidar com frustração e, portanto, começam a testar os limites de seus cuidadores (ACT – Caderno de Pais).

Nessa e em várias outras situações, lidar com sentimentos como raiva e irritação, que são sentimentos normais e humanos, mas que fazem bastante diferença na resolução de conflitos e comportamentos difíceis dos filhos, visto que momentos de raiva são propícios à violência. É importante reagir ao comportamento dos filhos de acordo com sua fase e discipliná-los com práticas positivas adequadas (ACT – Manual do Facilitador).

As próximas questões tratadas serão a 9 e a 13, que falam sobre a expressão dos sentimentos da criança. Expressar sentimento verbalmente é esperado em crianças de 5 anos, uma vez que possuem um maior repertório de palavras e entendem melhor as emoções (questão 13). Aos 2-3 anos de idade, as crianças têm dificuldade em se expressar usando palavras, pois seu vocabulário ainda é limitado, mas já sentem emoções como vergonha e culpa, o que é abordado especificamente na questão 10, a qual pode ter dado margem para uma ambiguidade na

interpretação, visto que referia-se a duas “partes” do desenvolvimento infantil, o que pode ter causado o excessivo número de erros.

A questão 10, tratava da compreensão temporal da criança (ontem, hoje e amanhã) aos 5 anos, o que contrapõe a questão 8, que diz que crianças de 2-3 anos já tem essa noção temporal. A análise desse quesito de noção temporal mostra que há muita dúvida nos pais em relação ao momento esperado para a criança entender esse conceito, que, segundo o ACT, é esperado entre os 3 e 5 anos.

Por fim, a última questão é a de número 19, relatava uma situação específica: *“você chegou em casa cansado de um dia de trabalho e vê seu filho riscou a parede da sala. Nesse momento de raiva, o ideal é primeiro se acalmar depois conversar com ele para explicar às consequências de seus atos”*. Podemos perceber por essa situação que alguns pais ainda agem de “cabeça quente” com seus filhos. Assim como as questões 18 e 7, mostra a importância de saber lidar com a raiva antes de “lidar” com os filhos, para que o uso da violência não seja uma opção.

De modo geral, o resultado dos acertos dos participantes foi satisfatório, mas podemos levantar alguns aspectos que foram mais relevantes. Como principais conhecimentos dos pais temos os fatores de influências no desenvolvimento, o que é importante para se pensar no futuro da criança. Também consideramos um conhecimento dos pais que a noção temporal da criança é algo que demora alguns anos para se concretizar e varia de criança para criança.

Como desconhecimento temos a incerteza em muitos pais sobre a fase dos 6 anos, que é quando a criança tende a mudar suas brincadeiras e seu relacionamento com os pais, posto que começam a ter uma visão mais “social” e buscam aceitação dos pares de sua idade.

#### 4.3 VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS E SUA RELAÇÃO COM O CONHECIMENTO DOS PAIS SOBRE DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Para essa análise, foram contabilizados o número de acertos por participante, considerando 1 para cada acerto e 0 para cada erro, de modo que quanto maior a pontuação final, maior o número de acertos, utilizando, portanto, a soma das respostas corretas do questionário como variável principal.

O primeiro cálculo, então, foi o teste de Kolmogorov-Smirnov, de acordo com o qual a principal variável (soma das respostas corretas) apresentou uma distribuição semelhante à normal ( $K-S = 1,182$ ;  $p = -0,122$ ). Por essa razão, as estatísticas inferenciais foram calculadas utilizando testes paramétricos.

Foi então feita a comparação entre os grupos para ver se havia alguma diferença entre o número de acertos e as variáveis sociodemográficas. Pelo Teste-T foi feita a comparação de sexo dos participantes (mãe ou pai), crença e pertencimento a instituição religiosa. Pelo teste ANOVA, foi feita a comparação de estado civil e autodenominação de cor da pele.

Pelo Teste-T, comparando-se mãe e pai não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na pontuação total do questionário ( $t = -0,32$ ;  $p = 0,748$ ), conforme mostrado no gráfico A.

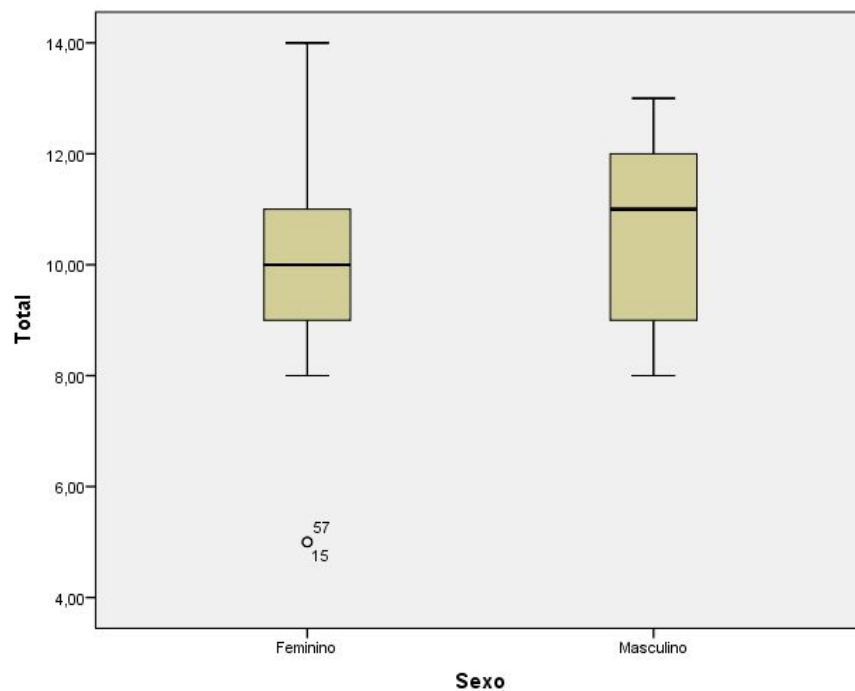


Gráfico A: Boxplot comparando a distribuição do sexo dos participantes (pais e mães) em relação à pontuação total no questionário.

Comparando se os pais possuem alguma crença, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os pais que afirmavam ter alguma crença e os que afirmavam não ter em relação à pontuação total ( $t = -0,826$ ;  $p = 0,411$ ), mostrado no gráfico B.

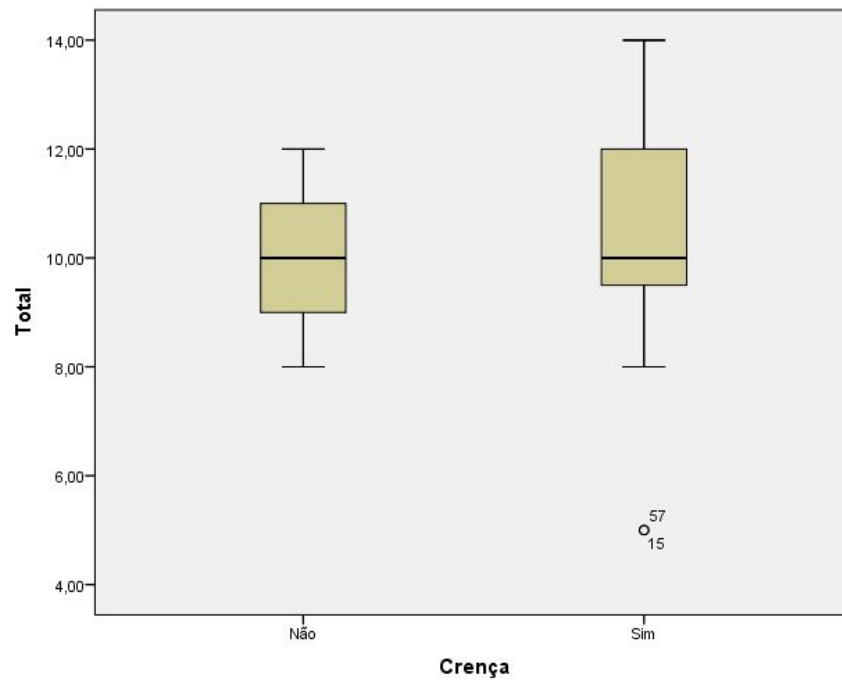


Gráfico B: Boxplot comparando a distribuição participantes que afirmaram ter alguma crença e participantes que afirmaram não ter em relação à pontuação total no questionário.

Ao comparar a participação em instituição religiosa ou não, também não foram encontradas diferenças significativas ( $t = 0,873$ ;  $p = 0,385$ ), conforme o gráfico C.



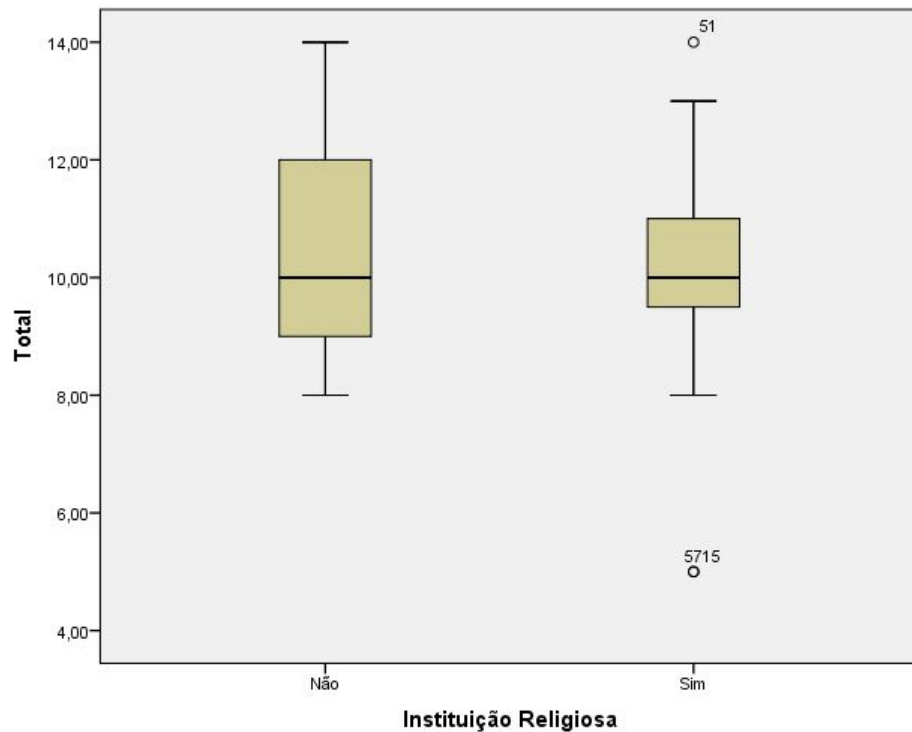


Gráfico C: Boxplot comparando a distribuição do pertencimento à alguma instituição religiosa ou não em relação à pontuação total no questionário.

A partir do teste ANOVA, comparando os participantes em relação ao seu estado civil (casados, solteiros ou divorciados) para a pontuação total do questionário, não foi encontrada diferença estatisticamente significativa ( $F = 0,247$ ;  $p = 0,781$ ), como pode ser visto no gráfico D.

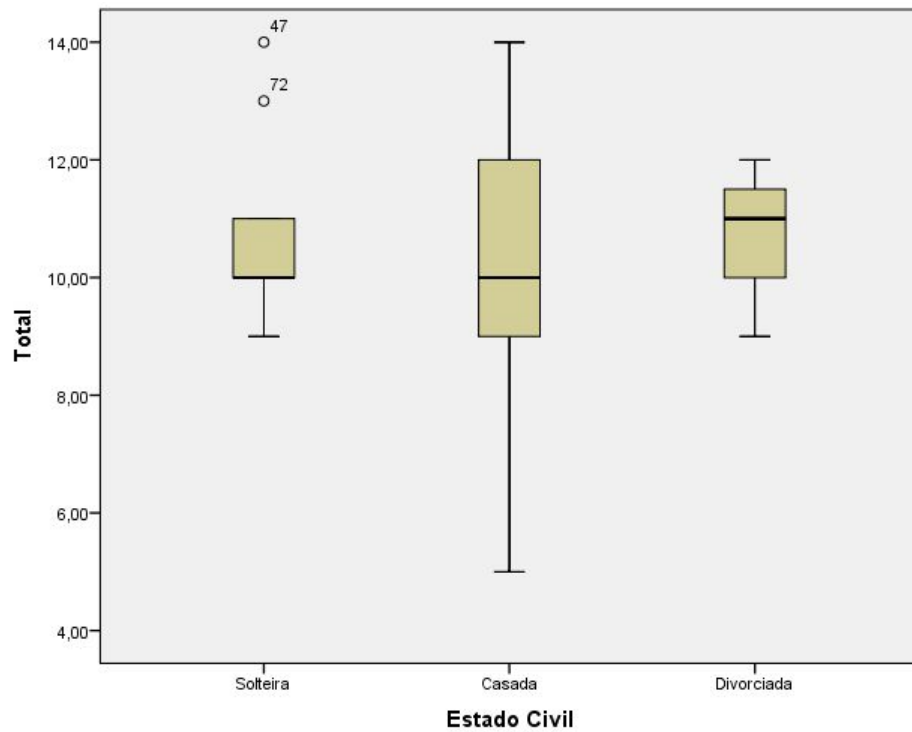


Gráfico D: Boxplot comparando a distribuição do estado civil dos participantes em relação à pontuação total no questionário.

Comparando a autodenominação da cor da pele (branco, pardo ou negro) com a pontuação total do questionário também não foram encontradas diferenças estatísticas significativas ( $F = 0,925$ ;  $p = 0,401$ ), como visto no gráfico E.

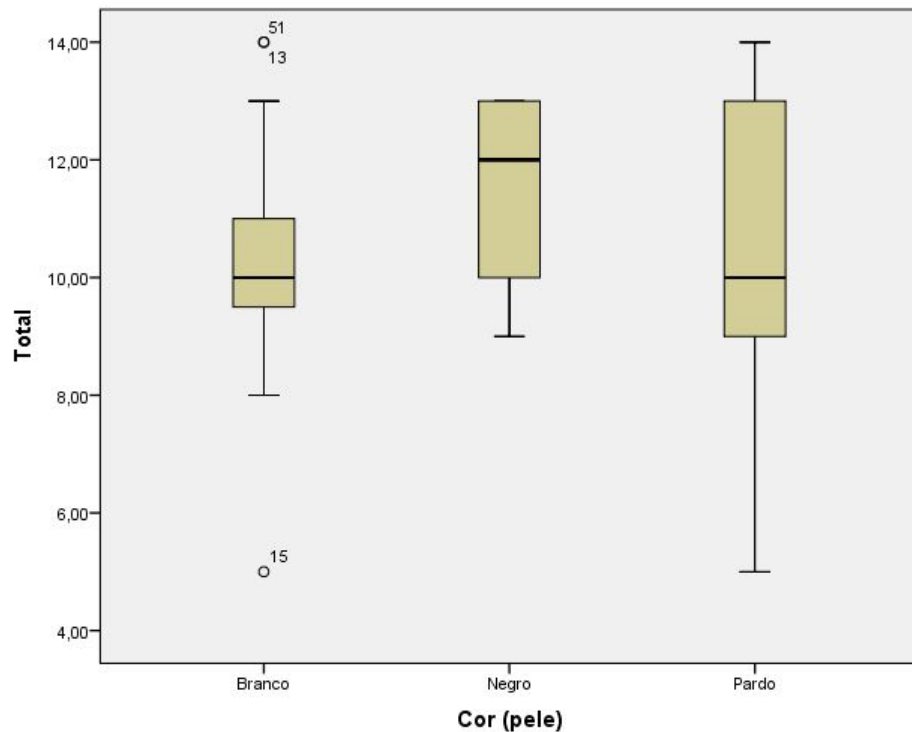


Gráfico E: Boxplot comparando a distribuição da autodenominação da cor da pele em relação à pontuação total no questionário.

Para analisarmos a correlação entre as outras variáveis sociodemográficas, as variáveis quantitativas, e a pontuação total no questionário, foi utilizado o teste de correlação de Pearson. As variáveis analisadas por esse teste foram idade, escolaridade, renda, número de filhos e idade dos filhos.

Desse modo, utilizando o teste de Pearson, não foi encontrada uma correlação estatisticamente significativa entre idade dos pais e a pontuação total do questionário ( $r = -0,126$ ;  $p = 0,264$ ). A correlação entre a escolaridade e a pontuação também não foi estatisticamente significativa ( $r = -0,034$ ;  $p = 0,762$ ). A correlação encontrada entre a renda dos pais e a pontuação total não foi estatisticamente significativa ( $r = -0,135$ ;  $p = 0,273$ ), conforme visto na tabela 1.

Os resultados contrapõem Schmidt et al. (2018), que analisou o que os pais percebem no comportamento (desenvolvimento psicossocial) nos seus filhos e relacionou a variáveis socioeconômicas, chegando à conclusão de que a principal influência familiar percebida foi a renda mensal geral da família associada a mais comportamentos como medo, raiva e baixa capacidade de se acalmar.

Por fim, ao correlacionarmos número e idade média dos filhos com a pontuação total no questionário, novamente não foi encontrada correlação significativa ( $r = -0,078$ ;  $p = 0,493$  e  $r = -0,006$ ;  $p = 0,960$ , respectivamente). De acordo com o mostrado na tabela 1.

TABELA 1 – CORRELAÇÕES

		Idade	Escolaridade	RENDA	Nº filhos	Idade_media_filhos	Total
Idade	Pearson Correlation	1	,059	,342**	,451**	,625**	-,126
	Sig. (2-tailed)		,605	,004	,000	,000	,264
	N	81	80	68	80	80	81
Escolaridade	Pearson Correlation	,059	1	,341**	-,108	,008	-,034
	Sig. (2-tailed)	,605		,004	,344	,948	,762
	N	80	80	68	79	79	80
RENDA	Pearson Correlation	,342**	,341**	1	,232	,075	-,135
	Sig. (2-tailed)	,004	,004		,059	,545	,273
	N	68	68	68	67	67	68
Nº filhos	Pearson Correlation	,451**	-,108	,232	1	,589**	-,078
	Sig. (2-tailed)	,000	,344	,059		,000	,493
	N	80	79	67	80	80	80
Idade_media_filhos	Pearson Correlation	,625**	,008	,075	,589**	1	-,006
	Sig. (2-tailed)	,000	,948	,545	,000		,960
	N	80	79	67	80	80	80
Total	Pearson Correlation	-,126	-,034	-,135	-,078	-,006	1
	Sig. (2-tailed)	,264	,762	,273	,493	,960	
	N	81	80	68	80	80	81

\*\* . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Cardoso et. al. (2003) realizou um estudo para medir o conhecimento sobre uma área específica do desenvolvimento infantil em crianças de até dois anos, que foi o desenvolvimento da linguagem, em mães e cuidadoras de creches (denominadas no estudo de Auxiliares do Desenvolvimento Infantil) também por meio de um questionário. As pesquisadoras encontraram que o nível de escolaridade das mães e o conhecimento delas em relação ao desenvolvimento de linguagem nas crianças foi maior apenas em algumas questões, não indicando diferença significativa nessa variável, o que condiz com o resultado presente estudo.

Em oposição, Moura et. al. (2004) encontrou a relação entre a escolaridade e o conhecimento sobre o desenvolvimento infantil, mostrando que quanto maior a escolaridade da mãe, mais ela tem conhecimento sobre o tema. Os pesquisadores trabalharam com mães primíparas e perceberam ainda uma relação da idade dos bebês com o que as mães conheciam do desenvolvimento, estabelecendo uma relação crescente entre essas variáveis, mesmo as mães tendo apenas um filho.

## 5 CONCLUSÃO

O conhecimento dos pais sobre desenvolvimento infantil inclui saber/esperar um certo comportamento ou habilidade da criança em um determinado momento (VALIATI, 2014). Um estudo de Valiati (2014) mostrou que os pais das crianças em idade pré-escolar da rede pública não têm conhecimento suficiente sobre desenvolvimento infantil, o que faz com que não percebam atrasos no desenvolvimento da criança, a não ser que sejam muito visíveis.

O objetivo do presente estudo foi analisar o que os pais entendem sobre o desenvolvimento dos seus filhos e quais suas principais certezas e dúvidas, bem como o que pode estar relacionado com o grau de conhecimento.

De forma geral o resultado foi satisfatório, dado que houve um grande número de acertos em todas as questões, mostrando um bom nível de conhecimento dos pais sobre o tema. Também foi satisfatório devido à poucos pais terem referido ações que se destinam a práticas violentas com as crianças.

Pensando na quantidade de acertos no questionário, temos que ponderar o perfil da amostra, que foi algo não esperado. A amostra totalizou em uma parcela restrita e particular da população mesmo tendo sido amostrado apenas por conveniência e sem restrição. Tendo isso, podemos inferir que o alto número de acertos dos participantes pode ser devido a escolaridade superior e maior nível econômico que qualificou os participantes.

Entretanto, ainda se fazem necessárias ações que levem o conhecimento sobre o desenvolvimento da criança, como forma de evitar a violência e colaborar com um futuro desenvolvimento saudável, o que inclui um bom desempenho escolar, e que também mostra a relevância de ações que visam melhorar o contexto familiar da criança.

O ACT tem demonstrado eficaz quanto a passar instruções sobre o desenvolvimento infantil aos pais e também por mostrar como o contexto familiar é importante para o futuro da criança. É importante evidenciar que as fases do desenvolvimento apresentam marcos estimados em um determinado momento, mas não são exatos, ou seja, não ocorrem da mesma forma em todas as crianças. Esse

fato pode ter sido relevante em algumas questões, pois muitos pais respondem baseados no que observaram em seus filhos.

É válido ressaltar que estudos posteriores se fazem necessários e que seria pertinente refazer a pesquisa com uma outra amostra, mais heterogênea ou mais restrita, desde que diferente da amostra nesse trabalho, e então compará-las para dados mais fidedignos.

## REFERÊNCIAS

- ACT – Caderno de Pais. **Programa ACT Para Educar Crianças em Ambientes Seguros**. American Psychological Association, revisão de 2011.
- ACT – Manual do Facilitador. **Programa ACT Para Educar Crianças em Ambientes Seguros**. American Psychological Association, revisão de 2011.
- ANTONELLI-PONTI, M.; VERSUTI, F. M.; DA SILVA, J. A.; *Teachers' perception about genes and behavior*. **Psicologia Educacional | Educational Psychology**, v. 35, n. 4, p. 421-431. Campinas, 2018.
- ARAUJO, L. B.; **Análise do Desenvolvimento Neuropsicomotor de Crianças de zero a três anos em Centros de Educação Infantil**. 2013. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.
- BEE, H.; **A criança em Desenvolvimento**. Editora Harper & Row do Brasil Ltda, São Paulo, 1997.
- CARDOSO, R. M.; et. al. **Conhecimento de mães e Auxiliares de Desenvolvimento Infantil referente ao Desenvolvimento da Linguagem de Crianças de zero a vinte e quatro meses**. **Rev. Bras. Cresc. Desenv. Hum.**, v. 13, n. 2, p. 83-91. São Paulo, 2003.
- DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C.; A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, v. 17, n. 36, p. 21-32. Ribeirão Preto, 2007.
- ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas. Brasília, 2017.
- HOSPITAL PEQUENO PRÍNCIPE. **Para toda Vida: Dados Alarmantes**. Disponível em: < <http://pequenoprincipe.org.br/pratodavida/dados-alarmantes/>> Acesso em: 17 nov. 2019.
- MENDES T.; VELOSA, M.; Literatura para a infância no jardim de infância: contributos para o desenvolvimento da criança em idade pré-escolar. **Pro-Posições**, v.27, n.2, p. 115-132. Campinas, 2016.
- MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS. **Violência contra Crianças e Adolescentes: Análise de Cenários e Propostas de Políticas Públicas**. Brasília, 2018.
- MONTEIRO, F. P. M.; et al. **Crescimento Infantil: Análise do Conceito**. Texto contexto - enferm, v. 25, n. 2, e3300014. Florianópolis, 2016.
- MOURA, M. L. S.; et. al. Conhecimento sobre Desenvolvimento Infantil em mães primíparas de diferentes centros urbanos do Brasil. **Estudos de Psicologia**, v. 9, n. 3, p. 421-429. 2004.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D.; **Desenvolvimento Humano**. 12ed. Porto Alegre: AMGH Editora Ltda, 2013.

PAPALIA, D. E.; OLDS S. W.; FELDMAN, R. D.; **Desenvolvimento Humano**. 8ed. Porto Alegre: AMGH Editora Ltda, 2006.

RAMOS, F. S.; **Percepção dos Pais sobre a sua Experiência no Programa ACT – Rasing Safe Kids: Estudo Qualitativo**. 2017. Tese de Mestrado – Universidade de Lisboa, 2017.

RODRIGUES, M. C; SILVEIRA, F. F.; PELISSON, M. C. C.; Teoria da mente e leitura: estudo qualitativo na educação infantil. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, n. 2, p.195-204. São Paulo, 2017.

REGO, T. C.; **Vygotsky: uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação**. 19ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

SANTOS, E. R. F; RAMOS, D. D.; SALOMÃO, N. M. R.; Concepções sobre desenvolvimento infantil na perspectiva de educadoras em creches públicas e particulares. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 28, n. 2, p. 189-209. Braga, 2015.

SARGIANI, R. A.; MALUF, M. R.; Linguagem, Cognição e Educação Infantil: Contribuições da Psicologia Cognitiva e das Neurociências. **Psicologia Escolar e Educacional**, v.22, n.3, p.477-484. São Paulo, 2018.

SCHMIDT, B.; et al. Percepções Parentais sobre o Temperamento Infantil e suas Relações com as Variáveis Sociodemográficas das Famílias. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.34, e34, 2018.

VALIATI, M. R. M. S.; **Atrasos no Desenvolvimento Neuropsicomotor: Fatores de Risco e Intervenção Precoce nos Centros de Educação Infantil**. 2014. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

VEGA-ARCE, M.; NUNEZ-ULLOA, G.; *Experiencias Adversas en la Infancia: Revisión de su impacto en niños de 0 a 5 años*. **Enferm. univ, México**, v. 14, n. 2, p. 124-130, jun. 2017.

WOOLFOLK, A. E.; **Psicologia da Educação, tradução**. MONTEIRO, M. C.; Artemed, 7ed. Porto Alegre, 2000.



## APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO

Nome: \_\_\_\_\_  
 Idade: \_\_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_  
 Estado Civil: \_\_\_\_\_ Renda (em salário mínimo): \_\_\_\_\_  
 Número de filhos: \_\_\_\_\_ Idade dos filhos: \_\_\_\_\_  
 Você se define como: ( ) negro ( ) pardo ( ) branco  
 Identifica-se com alguma crença? ( ) sim ( ) não  
 Pertence à alguma instituição religiosa? ( ) sim ( ) não

Esse questionário pertence à um estudo denominado “Descrição sobre o conhecimento do desenvolvimento infantil em pais de crianças pré escolares”, que faz parte do Projeto de Pesquisa “Análise da Viabilidade do Programa ACT”, realizado pela Universidade Federal do Paraná. O estudo tem como objetivo explorar o quanto os pais de crianças pequenas sabem sobre Desenvolvimento Infantil.

As afirmações a seguir são relacionadas ao Desenvolvimento Infantil. Marque V para as afirmativas que julgar verdadeiras e corretas e F para as alternativas que julgar falsas ou incorretas de acordo com seus conhecimentos e vivências.

1. ( ) o desenvolvimento de uma criança pode ser influenciado pelo ambiente em que ela vive, pela família e pelas experiências vividas.
2. ( ) a genética pode ser um fator expressivo no desenvolvimento infantil.
3. ( ) crianças de 2 a 3 anos já tem uma boa noção de tempo e são capazes de diferenciar claramente ontem, hoje e amanhã.
4. ( ) seu bebê de 1 ano chora com frequência, o ideal é acalmá-lo após ver o que está acontecendo, mas sem pegá-lo no colo, para não mimar demais.
5. ( ) brigar com uma criança de 1 ano por estar chorando e dizer para parar de chorar resolve o “problema” de forma vantajosa.
6. ( ) crianças de 5 anos começam a se relacionar melhor com outras crianças (amigos), ou seja, começam a realmente brincar juntos com os amigos.
7. ( ) quando seu filho de dois anos começa a chorar e se jogar no chão do supermercado por querer alguma coisa que você disse que não vai levar, brigar com ele faz ele entender que estava fazendo birra e parar.
8. ( ) crianças de 2 a 3 anos conseguem brincar com o mesmo brinquedo ou criança (amigo) por um período considerável de tempo.
9. ( ) crianças de 2 a 3 anos tem dificuldade em expressar suas emoções verbalmente, pois ainda não tem sentimentos como vergonha, culpa e raiva.
10. ( ) aos 5 anos as crianças começam a entender conceitos como ontem, hoje, amanhã e em cima, embaixo.

11. ( ) a partir de 6 anos, as crianças já conseguem entender regras, e passam a preferir jogos e competições nas brincadeiras.
12. ( ) crianças de 5 anos não são capazes de diferenciar as coisas que veem do que realmente são, como animais de pelúcia de animais reais.
13. ( ) aos 5 anos a criança já consegue expressar seu sentimentos de forma verbal, ou seja, com palavras.
14. ( ) crianças com 6 anos ou mais conseguem entender que as pessoas podem ter opiniões diferentes da sua.
15. ( ) seu bebê de 1 ano chora com frequência, o melhor seria entender o motivo do choro para saber qual o melhor modo de acalmá-lo.
16. ( ) em casos de birra no supermercado em crianças de cerca de 2 anos, você passa a ignorar a criança até que ela para de fazer birra e se acalme é uma boa opção.
17. ( ) seu filho de 4 anos está brincando com um colega da mesma idade até que começam a brigar por um brinquedo que ambos querem. O melhor é separar a briga e deixar as crianças de castigo.
18. ( ) seu filho quebrou um pote que você falou várias vezes para ele não mexer, o que te deixou com bastante raiva, o certo é dar uma bronca nele e algumas palmadas para ele aprender a obedecer quando você falar algo.
19. ( ) você chegou em casa cansado de um dia de trabalho e vê seu filho riscou a parede da sala. Nesse momento de raiva, o ideal é primeiro se acalmar depois conversar com ele para explicar às consequências de seus atos.

Obrigada por fazer parte desta pesquisa! Em breve você receberá um informativo com os resultados obtidos!

Grata, Beatriz Maioli